



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB**  
**Centro de Ciências Humanas e Exatas**  
**Campus VI – Poeta Pinto do Monteiro**  
**Curso de Licenciatura Plena em Letras – Espanhol**

**MARIA VALDIMERE DA SILVA DE MORAIS**

**AS TENSÕES ENTRE O BOM E O LOUCO AMOR: UMA LEITURA DO *LIBRO***  
***DE BUEN AMOR*, DO ARCIPRESTE DE HITA**

**MONTEIRO/PB**

**2025**

MARIA VALDIMERE DA SILVA DE MORAIS

AS TENSÕES ENTRE O BOM E O LOUCO AMOR: UMA LEITURA DO *LIBRO DE  
BUEN AMOR*, DO ARCIPRESTE DE HITA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à  
Coordenação do Curso de Letras, da Universidade  
Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à  
obtenção do título de Licenciado em Letras Espanhol.

**Orientador:** Prof. Dr. Wanderlan da Silva Alves

**MONTEIRO-PB**

**2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725t Morais, Maria Valdimere da Silva de.  
As tensões entre o bom e o louco amor [manuscrito] : uma leitura do *Libro de Buen Amor*, do Arcipreste de Hita / Maria Valdimere da Silva de Morais. - 2025.  
22 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2025.

"Orientação : Prof. Dr. Wanderlan da Silva Alves, Coordenação do Curso de Letras - CCHE".

1. Análise literária. 2. Libro de Buen Amor. 3. Arcipreste de Hita. I. Título

21. ed. CDD 801.95

MARIA VALDIMERE DA SILVA DE MORAIS

AS TENSÕES ENTRE O BOM E O LOUCO AMOR – UMA LEITURA DO LIBRO DE  
BUEN AMOR, DO ARCIPRESTE DE HITA

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Coordenação do Curso  
de Letras Espanhol da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito  
parcial à obtenção do título de  
Licenciada em Letras

Aprovada em: 03/06/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Cristiane Agnes Stolet Correia** (\*\*\*.228.087-\*\*), em **23/06/2025 13:51:07** com chave **41ecb276505211f0a8ea1a7cc27eb1f9**.
- **Melânia Nobrega Pereira de Farias** (\*\*\*.730.394-\*\*), em **23/06/2025 12:50:01** com chave **b9361588504911f0b8f31a7cc27eb1f9**.
- **Wanderlan da Silva Alves** (\*\*\*.876.541-\*\*), em **23/06/2025 12:46:11** com chave **2ff5b062504911f09f8f06adb0a3afce**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse [https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar\\_documento/](https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/) e informe os dados a seguir.

**Tipo de Documento:** Folha de Aprovação do Projeto Final

**Data da Emissão:** 23/06/2025

**Código de Autenticação:** 121367



Dedico este trabalho aos meus pais, e em especial a minha patroa Simone Teotônio, que durante a graduação sempre foi compreensiva apoiando-me em meus estudos, fazendo parte da conclusão deste sonho.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2. O DESEJO E UMA PRIMEIRA APROXIMAÇÃO AO LIBRO DE BUEN AMOR..</b>	<b>10</b>
<b>2.1 O Desejo e a Subjetividade no Libro De Buen Amor.....</b>	<b>15</b>
<b>3. SÁTIRA E O DISCURSO DO DESEJO NO LIBRO DE BUEN AMOR.....</b>	<b>20</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>24</b>
<b>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>25</b>

**AS TENSÕES ENTRE O BOM E O LOUCO AMOR: UMA LEITURA DO *LIBRO DE BUEN AMOR*, DO ARCIPRESTE DE HITA**

Maria Valdimere da Silva de Morais<sup>1</sup>

**RESUMO**

O presente trabalho tem por finalidade analisar o desejo no *Libro de Buen Amor*, do Arcipreste de Hita, com base nos estudos psicanalíticos de Jacques Lacan. A pesquisa se concentra em analisar como se apresenta a relação entre sujeito e desejo caracterizado dentro desta obra literária medieval espanhola, explorando a complexidade e o dinamismo do desejo no sujeito. A metodologia empregada combina análise literária com reflexão crítica. A pesquisa também busca discutir as diversas formas e expressões do desejo presentes na obra, procurando compreender como elas dialogam com a problemática do desejo na acepção lacaniana.

**Palavras-chave:** Desejo; *Libro de Buen Amor*; Arcipreste de Hita.

**RESUMEN**

El presente trabajo tiene la finalidad de analizar el deseo en el *Libro de Buen Amor* del Arcipreste de Hita, a partir de los estudios psicoanalíticos de Jacques Lacan. La investigación analiza cómo se presenta la relación del sujeto con el deseo en esta obra literaria medieval española, explorando la complejidad y el dinamismo del deseo humano. La metodología empleada combina el análisis literario con la reflexión crítica. La investigación también busca discutir las diversas formas y expresiones del deseo presentes en la obra, así como comprender cómo ellas dialogan con la cuestión del deseo en el sentido lacaniano.

**Palabras clave:** Deseo; *Libro de Buen Amor*; Arcipreste de Hita

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Licenciatura em Letras Espanhol do Centro de Ciências Humanas e Exatas, Campus VI da Universidade Estadual da Paraíba -UEPB, e mail: [maria.valdimere@aluno.uepb.edu.br](mailto:maria.valdimere@aluno.uepb.edu.br)

## 1. INTRODUÇÃO

A psicanálise e a literatura exploram a linguagem humana, buscando ler as particularidades do desejo, desde os medos e às motivações que moldam nossa existência complexa. O presente trabalho se propõe a explorar essa interseção através de uma análise do *Libro de Buen Amor*, de Juan Ruiz, o Arcipreste de Hita, a partir da noção de desejo, tal como aparece no pensamento do francês Jacques Lacan.

O autor do *LBA*,<sup>2</sup> Juan Ruiz, destaca-se como uma figura misteriosa, pouco se sabe sobre sua identidade. Pesquisas documentaram sua existência por volta de 1330 (data de um documento de Toledo no qual um "*João Roderici arcipreste de Fita*" é mencionado). Ele é mencionado entre os veneráveis padres, atuantes da época. Sua identidade como Arcipreste está ligada à diocese de Toledo. O religioso é descrito com uma boa formação em cânones e teologia e amplos conhecimentos musicais e literários.

Em sua obra, o Arcipreste de Hita aborda o tema do desejo de maneira peculiar. Assim, nas páginas do *LBA*, na edição de María Brey Mariño (1966) vamos encontrar esse tema em escrita poética. A obra apresenta-se através de estrofes em quartetos rimados, com catorze sílabas em cada verso. É um poema conservado em três manuscritos, do qual, possivelmente, existiram duas versões: a primeira, de 1330, e a segunda, de 1343. Entre os episódios intercalam-se um total de 1.698 versos, porém não há concordância entre os críticos a respeito desse número.

A obra apresenta uma linguagem que se mescla entre a culta e a popular. Como característica da *poesía de clerecía*<sup>3</sup> da época, os escritos são identificados em “*cuaderna vía*”, respeitando metricamente a estrutura das estrofes, versos e sílabas já citados acima. O Arcipreste, em sua obra-prima, emprega uma linguagem culta dotada de recursos literários mais amplos, utilizando elementos lexicais, sintáticos e eclesiásticos (uso do latim em algumas estrofes) que advêm de seu conhecimento canônico.

Por outro lado, na linguagem dos versos do Arcipreste aparecem expressões populares da época medieval, aproximando a obra ao público popular. Essas expressões realistas e coloquiais criam um contraste que permite ao leitor compreender o diálogo narrativo que se estabelece entre o erotismo e a espiritualidade.

O poema de Juan Ruiz inicia-se com orações a Deus e à Virgem, pedindo a libertação

---

<sup>2</sup> *LBA- Libro de Buen Amor*

<sup>3</sup> Poesía de Clerecía: noção usada para se referir ao conjunto de textos da literatura medieval castelhana produzidos entre os séculos XIII e XIV por autores clérigos. Formalmente, a monorrima tetrartista, a *cuaderna vía*, foi frequentemente uma forma estrófica adequada para escrever suas composições. (Murillo,2011).

da prisão, esta que o leitor pode interpretar como prisão real e terrena ou alegoricamente espiritual. No decorrer dos versos, a envolvente história do sacerdote que, segundo alguns estudiosos, seria o próprio autor ou um falso relato autobiográfico (a maioria das estrofes estão escritas em primeira pessoa), se centraliza em suas aventuras amorosas e seus conflitos inquietantes que caminham entre o "buen amor" (amor espiritual) e o "loco amor" (o amor carnal ou material).

Ao longo da narrativa, que é enriquecida com um total de 33 fábulas (*O leão e o rato*, *O leão e o burro sem orelhas nem coração*, *O rato da cidade e o rato do campo*, entre outras), personagens e episódios alegóricos (*Don amor e sua esposa Doña Venus*, *O embate entre Don Carnal e Doña Cuaresma*) e cânticos litúrgicos de devoção a Cristo e a Santa Maria, o narrador apresenta uma série de episódios amorosos, cuja intenção é vivenciar o mais íntimo do amor carnal, bem como, alertar o leitor sobre os perigos do louco amor, este que o próprio clérigo teria procurado viver.

O clérigo tenta conquistar diferentes mulheres (estima-se um total de 14 tentativas de conquistas), de diferentes castas sociais e lugares, porém, depois de alguns fracassos, recebe a visita de Dom Amor, que num primeiro momento é recebido com ira pelo Arcipreste, que o acusa de ser o causador dos seus pecados e frustrações, no entanto, Dom Amor defende-se dos ataques do clérigo e atribui os fracassos ao seu desconhecimento das técnicas amorosas, oferecendo-lhe conselhos para que assim possa capturar a presa ideal.

Os conselhos de Dom Amor distanciam-se do discurso teológico que prega o bom amor e, contrariando a doutrina do amor divino, descreve a mulher perfeita que deve ser conquistada pelo Arcipreste: tem que ter olhos grandes e expressivos, cabelos amarelos e sobrancelhas separadas, tem que ter cabeça pequena, boca pequena, não ser muito alta, mas também não ser anã, tem que ser mulher esbelta, atrativa e magra. Aconselha-o a evitar bebidas e a não ser preguiçoso e, por fim, o manda procurar uma mensageira (*alcahueta*) para ser a mediadora de suas próximas conquistas.

Ao recomendar uma alcoviteira, Dom Amor outra vez distancia o Arcipreste do discurso teológico do bom amor pregado pela Igreja, a ideia do amor casto declina quando o conselheiro motiva o religioso a ter comportamentos libidinosos. Ao agir de maneira oposta, aceitando os conselhos de Dom Amor, o clérigo adota um comportamento que contradiz os princípios que deveria representar. A ironia surge a partir dessa contradição de teoria e prática, em que o discurso religioso moral é afetado e outros valores são adotados na busca de desvendar um desejo até então desconhecido pelo clérigo.

A velha *Trotaconventos*<sup>4</sup> torna-se, então, a principal aliada do Arcipreste em suas conquistas e andanças. No entanto, no decorrer da obra os versos entoam que, mesmo com a ajuda da mensageira, suas tentativas de encontrar uma companheira seguem levando-o a uma frustração atrás da outra, o que provoca uma tensão conflituosa entre viver o bom e o louco amor.

De acordo com Julio Cejador, o Arcipreste chama de “buen amor” o “espíritu cristiano del amor a Dios, y el espíritu carnal y mundano” él intitula locura o loco amor (Cejador, 1963, p.20). O bom amor, ou seja, o amor espiritual na sociedade medieval, deveria ser o único a ser seguido e sentido, pois era ele que tinha forte poder para agradar a Deus e, se seguido corretamente, evitaria que o sujeito caísse em futuras tentações.

Já o louco amor é visto como aquele que corrompe a alma e o espírito associado ao desejo mundano e ao pecado da carne. Em uma sociedade dominada pela hipocrisia religiosa e suas regras conservadoras, entregar-se ao prazer seria viver uma condenação mortal tanto terrena quanto espiritual. E é nesse meio que Juan Ruiz, o (suposto) clérigo corrompido pelas loucuras do amor profano, escreve seu *Libro de buen amor*.

No poema de *clerecía* de Ruiz o desejo é apresentado como algo que está enraizado no ser humano, o que determina suas ações e comportamentos. Através do conceito lacaniano do desejo, podemos analisar as diferentes maneiras pelas quais esse desejo é expresso na obra e como isso afeta a vida sacerdotal do religioso.

No campo da psicanálise, por sua vez, Jacques Lacan (1901-1981) foi um importante psicanalista e psiquiatra francês que deu continuidade aos estudos freudianos, investiu em continuar as pesquisas do seu antecessor ampliando-as.<sup>5</sup> Suas indagações sobre a linguagem e o desejo são ferramentas essenciais para o desdobramento deste artigo.

Lacan argumenta que o desejo é um aspecto central da psique humana, uma falta insaciável que nos move em direção ao desconhecido e ao inatingível (Lacan, 2006). A literatura oferece um espaço privilegiado para explorar esses aspectos do desejo, pois permite

---

<sup>4</sup>Na literatura espanhola dos séculos XIV e XV, *Trotaconventos* e *Celestina* foram duas mulheres que tinham em comum intermediar enlances amorosos proibidos, a primeira vivia nas igrejas e conventos levando mensagens amorosas para as damas, principalmente dos clérigos; já a segunda era procurada tanto por homens quanto mulheres para solucionar não apenas problemas amorosos, mas para feitiçaria e reconstrução de hímenes de mulheres que tinham perdido a virgindade antes do casamento. Ambas as personagens são de classe pobre e cobravam pelos seus trabalhos. Há várias denominações dadas a essas mulheres, como *alcahueta*, *urraca*, mensageiras e cafetinas. Na obra de Fernando Rojas (1499), *Celestina* é o personagem central que move todo o enredo, já no *Libro de Buen Amor* (1330) *Trotaconventos* é uma personagem secundária cuja participação se dá em pontos específicos. (Mesalles,2012).

<sup>5</sup> Discussões levantadas por Lacan a partir de Freud: O estádio do espelho; A linguagem estrutural; O conceito de inconsciente; Significante; A pulsão; O desejo; O falo, entre outras. (Gomes, 2021).

a manifestação de anseios proibidos, fantasias ousadas e conflitos internos. Nesse sentido, o *LBA*, com suas histórias repletas de amor carnal, paixão intensa e jogos eróticos se torna um objeto fascinante para estudo sob a lente lacaniana.

López (2017) argumenta que o Arcipreste usa o tema do desejo para criticar sutilmente as convenções sociais e religiosas de sua época, como criticar a Igreja e o falso moralismo pregado pelos clérigos que se corrompem ao poder da nobreza, e vice-versa. O Arcipreste, como figura religiosa, reconhece suas próprias falhas e seus desejos carnis e critica a hipocrisia de membros do clero que pregavam abstinência e pureza, mas muitas vezes sucumbiam às mesmas tentações.

Ao narrar seus fracassos amorosos, o Arcipreste, nas entrelinhas de seus versos, critica as dificuldades que o celibato impõe, que vão contra os impulsos naturais do sujeito, apresentando o amor carnal como inevitável. Segundo o autor, há uma tensão constante entre o ideal do amor puro promovido pelo discurso da Igreja e o desejo natural e irreprimível retratado na obra (López, 2017, p.56).

Sobre o significado moral do livro, Lacarra afirma:

Para alguns estudiosos, Juan Ruiz é um hipócrita que esconde sob propósitos morais uma obra dedicada a exaltar o amor louco do mundo, sensual e desonesto. Outros pensam que a intenção moral é sincera, embora se disfarce de zombaria e vaidade do amor mundano com uma finalidade satírica ou exemplar (2019, p.4).

Essas duas interpretações não se excluem, mas podem, na verdade, se complementar. Na obra, a linguagem do desejo é multifacetada e muitas vezes contraditória, assim, Juan Ruiz apresenta ao leitor dois mundos, um que exalta o amor como uma experiência humana e única desprendida de regras e culpas e, ao mesmo tempo, uma crítica às suas armadilhas e ilusões a uma falsa completude.

No que diz respeito à abordagem do desejo, Jacques Lacan tem uma visão bastante específica. Para Lacan, o desejo não é apenas uma inclinação ou um impulso, é algo que se instaura no campo da *falta*, que está profundamente enraizado no indivíduo e que pode ser moldado por vários fatores externos: "O desejo do sujeito é o desejo do Outro" (Lacan, 1998).

A partir dessa noção, esta pesquisa tem por objetivo analisar o *Libro de Buen Amor* a partir da relação entre linguagem e desejo no discurso do narrador, visando a compreender de que modo ambas as instâncias se afetam, levando às tensões entre o “bom amor” e o “louco amor”.

Para isso, este trabalho segue estruturado em quatro tópicos precedidos por esta Introdução. No segundo, aborda-se a discussão sobre “O desejo e uma primeira aproximação

ao *Libro de Buen Amor*”, na qual discorreremos através dos estudos de Jacques Lacan e demais teóricos sobre o que é o desejo e sua influência no sujeito religioso a partir da obra literária escolhida para constituir o *corpus*. No subtópico 2.1, “ O desejo e a subjetividade no *Libro de Buen Amor*”, abordaremos como se constitui o desejo no sujeito e qual é o fator principal que permeia este objeto.

Já no tópico três, intitulado “Sátira e o discurso do desejo no *Libro de buen amor*”, analisamos como esse desejo aparece no poema medieval de Juan Ruiz. Por fim, a conclusão com o resultado da pesquisa, que retoma a questão de um objeto de falta (desejo) inacessível, contínuo e, por vezes, contraditório, bem como o teor satírico que ironiza condutas e regras morais de comportamentos de uma instituição e religiosos corrompidos.

## 2. O DESEJO E UMA PRIMEIRA APROXIMAÇÃO AO *LIBRO DE BUEN AMOR*

O senso comum frequentemente aborda a noção de desejo de maneira simplificada e prática, refletindo ideias e concepções geralmente aceitas pela maioria das pessoas em uma sociedade, tais como avanços ligados ao campo profissional, o que reflete a ideia de estabilidade financeira, emprego dos sonhos, aprovação em um concurso público; no campo pessoal, a compra de um casa ou carro novo, casar ou viajar para o exterior.

Nesse sentido, entende-se que o desejo está relacionado às nossas vontades e anseios por algo, na busca da satisfação e do prazer, podendo se referir a desejos materiais, ligados aos bens de consumo, a desejos emocionais, como busca pelo carinho e reconhecimento, como também a desejos de instintos carnis, como o sexo.

Considerando a partir da psicanálise, no entanto, Chemama define o desejo da seguinte maneira:

**Desejo**, s.f.(alem.: Begierde, Begehren, Wunsch; fr.: désir; ing.: wish). Falta inscrita na palavra e efeito da marca do significante sobre o ser falante.

Em um sujeito, o lugar de onde vem sua mensagem linguística é chamado de Outro, parental ou social. Ora, o desejo do sujeito falante é o desejo do Outro. Se constitui a partir dele, é uma falta articulada na palavra e é a linguagem que o sujeito não poderia ignorar, sem prejuízos. Como tal, é a margem que separa, devido à linguagem, o sujeito de um objeto supostamente perdido. Esse objeto é a causa do desejo e o suporte do fantasma do sujeito (Chemama, 1995, p.42).

Essa definição ressalta que o desejo tem uma forte ligação com a linguagem. Para Lacan, o desejo humano é complexo e insaciável, o que resulta em uma falta, por isso que buscamos constantemente objetos de desejo que muitas vezes são inatingíveis. Na abordagem

psicanalítica, em seu *Seminário IV* sobre o desejo e sua interpretação, o autor aborda o termo desejo da seguinte maneira: “O desejo, para além de sua dimensão imaginária, se endereça essencialmente à falta e a falta está no centro de toda relação com o objeto” (Lacan,1958, p.218).

Dentro desta perspectiva, ele argumenta que a busca por satisfação e completude está relacionada sempre ao Outro<sup>6</sup>, “significante<sup>7</sup> de uma falta no Outro” (Lacan,1959, p.832).Essa falta, que é uma característica do sujeito e a que o impulsiona em sua busca pelo que deseja, é o que Lacan chama de “objeto *a*”.<sup>8</sup>

No *LBA*, a temática do desejo e suas ramificações (*Outro, significante e objeto a*) é tratada com uma profundidade notável. O protagonista está constantemente em busca de prazer e satisfação sensual. Isso se torna evidente em suas várias tentativas de seduzir mulheres, tanto nobres quanto plebeias. De acordo com Menéndez Pidal (2018), o desejo nessa literatura medieval é apresentado como um fator que impulsiona a ação, e grande parte da narrativa é dedicada à análise das falhas do protagonista em suas tentativas de sedução.

Para entender melhor o tema do desejo dentro da obra, vale a pena considerar o contexto histórico e cultural do século XIV, no qual a obra foi escrita. Como Cavillón (2020) aponta, na Espanha medieval, o amor cortês era o ideal amplamente difundido que influenciava fortemente as representações literárias. No entanto, no *LBA* esse ideal é frequentemente subvertido pelo protagonista, que busca prazer carnal ao invés da castidade e reverência que eram características do amor cortês.

Por sua vez, segundo Freud (2016), o desejo sexual é uma das principais forças motrizes por trás do comportamento humano. Tal acepção parece ter uma forte conotação dentro da obra de Ruiz, onde os desejos do protagonista frequentemente o levam a comportamentos autodestrutivos que causam uma tensão entre o desejo e a consciência moral religiosa:

Yo como soy humano y, por tal pecador, 77  
sentí por las mujeres, a veces gran amor. (p.6).

Neste fragmento o narrador reconhece e é consciente da natureza falha e imperfeita dos seres humanos, que, por sua condição, são propensos ao pecado e às tentações.

---

<sup>6</sup>Outro com O maiúsculo: O Outro, em Lacan, escrito com a inicial maiúscula trata do Outro grande, que se distingue do outro(pequeno). É um conceito mais amplo que engloba o mundo simbólico, a linguagem, as normas sociais e culturais, na figura do outro enquanto sujeito do discurso. (Quinet,2012, p.11)

<sup>7</sup> - O significante representa o sujeito para outro significante (Antunes, 2002, p.8)

<sup>8</sup> Objeto “a”: causa de desejo, corresponde ao objeto perdido, desde e para sempre, da plena satisfação; é o objeto da angústia e objeto alvo – e efêmero – da satisfação pulsional. Lacan desenvolve o conceito de *objeto a* partir do conceito de *Coisa*. ( Quinet,2012, p. 16).



Hita. De acordo com Martínez (2019, p. 34), "o desejo é uma força que impulsiona o protagonista através das suas aventuras amorosas e eróticas". É válido ressaltar que, antes do homem religioso e sacerdote que vive de privações determinadas pela igreja, “ aquilo que o sujeito teme ser privado, é de seu próprio desejo” (Lacan, 2017, p.117), vem o sujeito carnal, biológico que é constituído de sonhos, fantasias e desejos.

No que concerne à *fantasia* dentro da teoria do desejo, Lacan (1966, p. 831) aborda que o desejo é regulado a partir da fantasia, uma espécie de estrutura imaginária que surge com o intuito de preencher a falta que está no cerne do desejo do sujeito:

A fantasia surge como uma tentativa de fazer frente ao vazio do desejo do Outro, à inconsistência que o perpassa. Ela seria uma defesa contra o desejo do Outro. Tal defesa dá as coordenadas do desejo, a partir das quais temos posições diferenciadas frente ao Outro: no obsessivo há a negação do desejo do Outro, derivando uma fantasia que acentua a impossibilidade do esvaecimento do sujeito; no histérico, o desejo é mantido pela insatisfação ao furtar-se com o objeto do Outro; no perverso, a fantasia de ser o Outro para garantir o gozo predomina (Lacan, 1966, p. 838-839).

No *Libro de Buen Amor*, a fantasia aparece como um dos elementos centrais na expressão dos desejos do protagonista. Pode-se argumentar que o personagem apresenta uma espécie de fantasia obsessiva reforçando a ideia de que o sujeito está preso em uma condição de impossibilidade frente ao Outro, o que gera um confinamento em cenários imaginários, cujo objetivo é lidar com a falta que o Outro provoca, mas que na prática, não se realiza de maneira eficaz.

Nessa dinâmica de defesa contra a angústia e de vivências repetitivas, típica da fantasia obsessiva, a obra apresenta uma série de situações imaginárias que refletem os desejos e as pulsões do personagem em relação ao amor e à sexualidade. Estas fantasias servem como uma expressão da complexidade do desejo humano e como uma forma de lidar com as tensões que envolvem o sagrado e o profano. Nesse embate entre o carnal e o espiritual o poeta escreve:

Si, después de crear al hombre, Dios supiera  
que la mujer sería su mal, no se la diera           109  
creada de su carne y como compañera (...)(p.8)

Nesses versos apresenta-se uma visão misógina e tradicional da mulher, comum na literatura medieval espanhola, associando a origem das tentações a ela. Isso remete ao relato bíblico de Adão e Eva, em que a mulher é vista, por vezes, como a causadora da queda do

homem, sendo ela a fonte de problemas ou, até mesmo, de ruína para a própria humanidade.

Ao dizer esses versos o narrador joga com a ideia de que a mulher, sendo parte do homem (criada de sua costela), deveria ter sido a companheira ideal, mas, na prática, é vista como fonte de perigo e alienação. A fantasia lacaniana nos versos surge na tentativa de defesa do sujeito em tapar o vazio existente, buscando convencer-se de que o mal poderia ter sido evitado, colocando a mulher como culpada e não a reconhecendo como seu objeto de falta.

Entretanto, o Arcipreste acredita encontrar uma justificativa para explicar o porquê de suas tentativas amorosas não darem certo, busca convencer-se de que a astrologia exerce uma influência sobre ele. Mesmo contrariando os preceitos da Igreja, o sacerdote recorre aos astros na busca por respostas<sup>9</sup>:

Bajo el signo de Venus muchos nacen; su vida  
es amar las mujeres, nunca se les olvida;                   152  
trabajan y se afanan sin tregua, sin medida  
y lo más no consiguen la prenda tan querida.

En este signo tal creo que yo nací;  
procuré servir siempre a las que conocí,                   153  
el bien que me causaron no desagradecí  
y a muchas serví mucho y nada conseguí. (p.11)

Através de concepções astrológicas, a fantasia nesses versos também exerce um caráter defensivo, pois busca proteger o sujeito da angústia gerada pela falta. Acreditar na influência astrológica faz com que o personagem transfira a culpa de seus fracassos com as mulheres para algo que ele não pode controlar (os astros, o destino). O clérigo busca explorar o desejo em todas as suas formas fantasiosas, sejam elas ligadas à astronomia, à astrologia, ao sexual ou espiritual e em todas as suas consequências tanto positivas quanto negativas.

Miller (1995) ressalta, em relação a essa desordem causada pelo desejo, cuidadosamente o que Lacan propõe, nos seguintes termos:

O desejo se extravía, este é um traço que constantemente reconhecemos nele. Desde sempre se deplorou e censurou suas aberrações, suas extravagâncias, suas errâncias. Tentou-se de tudo para educá-lo, regulá-lo, dominá-lo, mas em vão: ele só faz o que lhe dá na cabeça. (Miller, p.22)

Portanto, não existiria uma linha que designa começo, meio e fim. Para o desejo não

---

<sup>9</sup> Na bíblia, encontram-se alguns versículos que condenam a astrologia como os livros de Isaías 47:13-15, Deuteronômio 18:10-12, Levítico 20:6.

existe fim. Dentro da narrativa de Ruiz, encontramos a angústia do personagem por deixar-se extraviar-se pelo desejo, por não conseguir dominá-lo e, assim, encontrar um fim, fazendo com que sua conduta sacerdotal seja sempre colocada em provação, caminhando na dualidade entre o bom e o louco amor.

Nesses dois mundos, que são percorridos entre o sagrado e o profano, o sacerdote caminha até as montanhas, especificamente a “Sierra de Guadarrama” em busca de novas damas;

probar todas las cosas el Apóstol manda;                    950  
quise probar la sierra, hice loca demanda (p.31).

O verso enfatiza a obstinação que o religioso tem em provar e avaliar diferentes vivências da vida, em particular, das experiências relacionadas ao amor carnal, e com isso tenta amparar-se em recursos litúrgicos para poder ter uma espécie de licença religiosa e, desse modo, experimentar as *coisas* terrenas.

Em seu poema, o Arcipreste enaltece o bom amor, enfatizando que só o amor de Deus é puro: “salvo el amor de Dios, todas son liviandad” (verso 105). Esse verso, portanto, reflete a postura cristã medieval de que o amor espiritual é a forma mais elevada de amor, e é este amor que dentro de seus escritos o clérigo aconselha ao seu leitor a viver e buscar. No entanto, quanto mais ele enaltece o bom amor, mais fica clara a inconsistência entre o discurso e suas ações, que estão mais voltadas para o louco amor (desejo), contrariando o que ele mesmo prega em seu discurso moral.

Assim, o Arcipreste se lembra da oscilação existente entre o amor divino (espiritual) e o amor humano (frequentemente físico e carnal), que expõe o sacerdote a diversas situações que desafiam o seu papel sacerdotal, gerando angústias e culpas cuja matriz é moral.

## **2.1 O Desejo e a Subjetividade no *Libro De Buen Amor***

O desejo desempenha um papel fundamental na nossa constituição enquanto sujeitos. Desde a psicanálise de Freud até as teorias também abordadas por Lacan, o desejo é visto como uma potência que influencia nossas escolhas, comportamentos e identidades. Freud (1996) apresenta a constituição do desejo com base na *experiência da satisfação*, e traz como

exemplo acontecimentos da fase inicial infantil:

Um bebê recém-nascido que, ao estar com fome, chora e agita os braços numa tentativa sem êxito de afastar o estímulo causador da insatisfação. No entanto, a intervenção da mãe oferecendo-lhe o seio tem como efeito a redução da tensão decorrente da necessidade e uma conseqüente experiência de satisfação (*Befriedigungserlebnis*). Daí por diante, uma imagem mnemônica permanece associada ao traço de memória da excitação produzida pela necessidade, de tal forma que na vez seguinte em que essa necessidade emerge, surgirá imediatamente um impulso psíquico que procurará recatexiar a imagem mnemônica da percepção e reevocar a própria percepção, isto é, restabelecer a situação de satisfação original. Um impulso dessa espécie é o que chamamos de desejo. (p.602/603).

Portanto, para Freud o desejo constitui-se por uma força que impulsiona o comportamento do sujeito, influenciando-o em uma ação específica, a um objeto específico que neste exemplo seria a mãe, permitindo, assim, reduzir a tensão alucinatória fantasmagórica da criança. “A Necessidade implica satisfação; o desejo jamais é satisfeito, ele pode realizar-se em objetos, mas não se satisfaz com esses objetos”. (Freud, 1996, p. 144).

Garcia-Roza (2009), por sua vez, em suas pesquisas também aborda a constituição do sujeito na perspectiva lacaniana, e observa:

Lacan afirma que o desejo constitui-se na *fase do imaginário*, o desejo não se reconhece como desejo, é no outro pelo outro que esse reconhecimento vai-se fazer, numa relação dual especular que o aliena nesse outro. Inicialmente, é por referência ao outro ou à imagem do outro que a criança vai construir seu esboço de ego (...). Com efeito, escreve Lacan, os desejos da criança passam pelo outro. É aí que são aprovados ou reprovados, aceitos ou recusados. A partir do primeiro momento no qual a criança formou o seu eu segundo a imagem do outro, ela vai, pelo ingresso na ordem simbólica, produzir uma transformação no objeto através da linguagem. (p.148-149).

O desejo se aliena em significantes, na linguagem, nas trocas sociais, ou seja, nas formas simbólicas que são pré-determinadas pela linguagem, manifestando-se em uma falta que busca a satisfação e realização pessoal no Outro, moldando nossa subjetividade e influenciando a forma como nos relacionamos com o mundo e com os outros:

É na experiência do Outro, enquanto Outro que tem um desejo, (...). O desejo, desde seu aparecimento, sua origem, manifesta-se nesse intervalo, nessa abertura que separa a articulação pura e simples, languageira da fala, disto que marca que o sujeito realiza aí algo de si mesmo que não tem alcance, sentido, senão em relação a essa emissão da fala e que é propriamente falando isso que a linguagem chama seu ser. (Lacan, 1959, p.27)

Como podemos depreender, Lacan (1959) defende que a constituição do desejo está

intrinsecamente ligada à linguagem, sendo este primeiro criado pela própria linguagem, e de fundamental importância para o nosso relacionamento com o outro. No entanto, quando voltamos à citação ele também enfatiza que a linguagem é estruturada de forma a sempre deixar algo fora de alcance, algo que não pode ser totalmente expresso ou compreendido, ou seja, essa mesma linguagem que propõe uma aproximação com o sujeito, também é fonte de alienação e incompletude o que leva conseqüentemente à falta.

E esse desejo que é conseqüência da falta vai se formando a partir dos momentos iniciais de vida de maneira involuntária, por isso é importante ressaltarmos como se inicia para podermos compreender como esse fenômeno se dará ao longo de nossa vida. A única certeza que podemos ter é que, ao longo da vida, sempre iremos ter um objeto perdido, para os pessimistas o fato de não sermos “saciados ou completados” pode levar à ruína. De fato, o inconsciente que se permeia no desejo é mesmo extraordinário e quiçá assustador.

Entretanto, quando relacionamos essa ligação de desejo e linguagem, percebemos que, no contexto literário do *LBA*, a linguagem usada pelo Arcipreste revela uma visão complexa das relações entre homens e mulheres. As mulheres são alternadamente retratadas como objetos de desejo e como seres independentes com seus próprios desejos e planos (Gómez Redondo, 2010). Esta representação pode ser vista como um reflexo das atitudes contraditórias em relação às mulheres na sociedade medieval. Frequentemente Ruiz utiliza versos que exaltam a mulher, retratando-as até mesmo como deusas que despertam o amor:

Pues en la mujer lozana, placentera y cortés 107  
reside el bien del mundo y todo placer es. (p.8)

Essas descrições linguisticamente poéticas podem ser vistas como uma forma subjetiva de objetificação, em que o valor da mulher é medido unicamente pela sua capacidade de despertar o desejo nos homens.

Por outro lado, a obra também apresenta mulheres do medievo que desafiam a história, expressando suas próprias opiniões e poder de escolha, como, por exemplo, Doña Cuerda:

Le envié esta cantiga que aquí luego va puesta, 80  
con una mensajera que tenía dispuesta,  
mas, dice bien el cuento: que la mujer compuesta,  
si no aprecia el recado, no da buena respuesta.

Dijo la dama cuerda a la mi mensajera: 81  
 \_“A muchas otras veo que convences parlera  
 y se arrepienten luego; yo escarmiento, a manera  
 de la aguda raposa, en ajena mollera.  
 (...)

Por tanto, yo te digo, vieja, pero no amiga  
 que jamás a mi vengas con cuentos, enemiga: 89  
 (...)
   
del mal ajeno, el propio escarmiento se siga”. (p.7)

Nos versos apresentados, Doña Cuerda expressa a sua decisão, ao não aceitar ser cortejada pelo amante, a não se render apenas a palavras bonitas. A dama, ao fazer essa recusa, mostra o poder de decisão existente dentro de si, dando o pontapé inicial para o questionamento da imagem da mulher submissa. Essas representações contraditórias, lidas nesses versos (80, 81 e 89), apontam para as complexas atitudes da sociedade medieval em relação às mulheres, são ora veneradas, ora menosprezadas ou até mesmo, são vistas como inimigas do sexo oposto.

No pensamento medieval europeu, a visão da mulher<sup>10</sup> foi profundamente enraizada nas estruturas patriarcais, influenciadas principalmente pelo catolicismo. Nessa época, a mulher foi estigmatizada pela personificação de Eva, de onde advinha o pecado que corrompe o homem, levando-o à decadência. Só não eram vistas como objeto de pecado aquelas mulheres virgens, mães e esposas subordinadas ao homem (associadas à imagem da Virgem Maria), no entanto, em grande parte, eram vistas com inferioridade, principalmente no âmbito intelectual.

O Arcipreste faz uso extensivo da linguagem poética para expressar seu desejo por estas mulheres do medievo e elas tornam-se existentes dentro de sua literatura. Dentre essas figuras femininas está Doña Cuerda, já citada acima, é descrita como nobre e discreta: “es de buenas costumbres, sosegada e queda” (p.6/ verso 79). Através de Trotaconventos o personagem envia cantigas de amor em uma tentativa de ganhar aceitação de cortejo por parte da dama, no entanto, ela rejeita as investidas do clérigo.

---

<sup>10</sup> Há poucas mulheres medievais às quais foram dadas os privilégios de conhecimentos letrados, autonomia e educação. Em geral, eram divididas de acordo com o *status* social: a mulher casada era responsável pela educação dos filhos, o que conseqüentemente a levava a ter conhecimentos mesmo que limitados de leitura; a mulher que escolhia o caminho sacerdotal era destinada aos ofícios da igreja e gozava de conhecimentos mais ampliados de estudos formais; por outro lado, para a mulher camponesa o destino era o trabalho mais pesado, sendo privada de quaisquer conhecimentos letrados.

A sensual padeira Cruz Cruzada<sup>11</sup> instiga os desejos do religioso, que a descreve como uma dama não santa, o que em sua percepção o fez acreditar que teria chances de conquistá-la, razão pela qual envia um mensageiro como o intermediário de seus interesses pessoais. No entanto, o narrador é traído por seu próprio mensageiro: “Él se comió la carne en tanto que yo rumiaba” (p.8/ verso 113).

Por sua vez, a Doña Endrina de Calatayud foram dedicados os versos mais extensos e sentimentais da obra. O poeta a descreve como linda e atraente: “Qué cabellos, qué boquita, qué color, qué buenandanza” (p.23/ verso 653). Nessa apresentação elogiosa, vemos o homem rendido à espera de uma oportunidade para saciar-se no que, para ele, ainda é desconhecido.

Mesmo com suas tentativas frustradas de conquista, o Arcipreste segue a saga por novas aventuras amorosas. Seguindo para as montanhas, conhece suas próximas conquistas, as serranas (Chata de Malangosto, Gadea la Vaquera de Riofrío, Menga Lloriente e Aldara de Tablada). São mulheres mais rústicas na aparência, as quais diferem do padrão idealizado de beleza feminina descrita por Dom Amor; e quando encontra-se com uma delas surpreende-se: “Sus miembros y su talle no son para calar” (p.32/verso 1010 ). Nota-se que há uma admiração espantosa por parte do religioso ao encontrar essas mulheres, entretanto, a aparência torna-se superficial, a aparência selvagem das serranas torna-se o aspecto atrativo para conseguir a satisfação sensual, o que não lhe é concedido.

O Arcipreste busca, pois, Trotaconventos para que lhe consiga novas conquistas. Suas tentativas passam por uma viúva rica que o ignora e por uma dama que encontrou rezando na igreja mas que no final casou-se com outro. Ainda por intermédio de sua mensageira, consegue ganhar aceitação de cortejo da freira Doña Garoza;

es hermosa, loçana; (...)  
 ¡desaguizado fizo quien le mandó vestir lana! 1500  
 ¿Quién dio a blanca rrosa ábito, velo prieto? (p. 36).

---

<sup>11</sup> Juan Ruiz crea un juego con los conceptos más fundamentales de la religión cristiana, en particular con la imagen de la Cruz. Al considerar el personaje de la panadera Cruz, recordaremos que estamos en Semana Santa. Este evento es una recreación del acto central del Viernes de la Pasión, celebrado desde las nueve de la mañana hasta mediodía, consiste en la adoración de la Cruz. El Arcipreste ha determinado solicitar los servicios de una amante que sufría de una mala reputación de mujer ligera (soldadera, panadera y hornera), llamada Cruz, para desarrollar su parodia de la liturgia del Viernes Santo. Se ha valido de un mensajero-intermediario, Ferrán García para solicitar los servicios de la meretriz. Al igual Jesus Cristo, el Arcipreste se estima traicionado por este falso Judas ya que el alcahuete se ha quedado con la panadera y ha sumido al sacerdote en una crucifixión. El Arcipreste, magnífico conocedor de la liturgia de su tiempo, opta por emplear el lenguaje que la caracteriza, evidentemente para darle un doble sentido, religioso y amoroso, no exento a veces de contaminaciones eróticas. (Imperiale, 2013).

O impacto causado ao ver a freira em uma roupa sacerdotal exterioriza a frustração e renúncias características do celibato. O valor moral que carrega a vestimenta e o *status* sacerdotal de ambos intensifica a proibição de certos comportamentos vistos como libidinosos, bem como pode sugerir uma crítica às convenções sociais e morais que são constantemente desafiadas pelo amor e desejo, no poema.

Mas, ao mesmo tempo, ele sente-se instigado pela pureza escondida dentro daquelas vestes. No verso “es hermosa, loçana” a atração física é descrita como um anseio na busca por intimidade, o que reflete a tensão entre os votos religiosos de ambos e os sentimentos humanos. No entanto, o que poderia ser seu momento de êxito acaba sendo interrompido pela morte da freira.

Na perspectiva de linguagem e comunicação na constituição do desejo, é perceptível o quanto Lacan defende a influência do outro sobre o Outro, em uma pirâmide que representaria o desejo humano em sua característica de desordem: no topo da pirâmide estaria a linguagem como sistema simbólico, como o meio principal de aproximação com o sujeito. É no desejo do Outro, constituído a partir da linguagem, o único meio de o sujeito se sustentar (Lacan, 1958).

Enquanto sujeito simbólico falante, o Arcipreste se vê diante do desejo na linguagem enquanto expressão de uma falta, a incompletude e o vazio do objeto perdido e inalcançável, que sempre estará presente. No entanto, segue insistentemente atrás de satisfação utilizando de sua poesia e mensageira como arma de conquista para procurar o objeto perdido.

Nos versos de Juan Ruiz o desejo é o motor narrativo que desencadeia as várias histórias contadas, e satisfazê-lo não é um problema, pois essa não satisfação é o que faz o Arcipreste buscar por novas conquistas. Isso leva o narrador a explorar mais experiências, que ele poderá vivenciar e compartilhar. Assim, o desejo se torna a força que impulsiona não apenas a narrativa, mas também a linguagem, a forma e a construção material do poema.

### **3. SÁTIRA E O DISCURSO DO DESEJO NO *LIBRO DE BUEN AMOR***

É importante ressaltar que o *Libro de Buen Amor*, de Juan Ruiz, o Arcipreste de Hita, é uma obra satírica que critica, usando da linguagem humorística, muitos aspectos da sociedade medieval, como a moralidade cristã, o comportamento humano e a hipocrisia religiosa. Por se tratar de uma época na qual o poder dominante está nas mãos da Igreja Católica, o religioso muitas vezes ironiza a maneira como a instituição conduz os seus interesses pessoais e

materiais.

Yo he visto a muchos monjes en sus predicaciones  
denostar al dinero y a las sus tentaciones, 503  
pero, al fin, por dinero otorgan los perdones,  
absuelven los ayunos y ofrecen oraciones. (p.20)

Nos versos acima, o clérigo ironiza a hipocrisia do clero, especialmente em relação ao dinheiro. Embora muitos deles pregassem uma moral desinteressada contra os bens materiais e suas tentações, o próprio clero cede a essas tentações ao aceitar dinheiro em troca de perdões e orações. Com isso se explicita a crítica à corrupção e ao comportamento contraditório dos religiosos, que condenam o materialismo, mas que o utilizam para obter benefícios.

Há no livro uma série de cenas que caracteriza o desejo erótico. Mesmo que o autor/narrador seja um religioso e sua obra tenha uma forte conotação moral, a obra é conhecida por sua abordagem irreverente e também satírica às questões amorosas, o poeta é sempre colocado diante de mulheres que são vistas como símbolo do pecado que o coloca em tribulações pecaminosas. Vejamos mais algumas dessas cenas:

Hace tiempo una dama me tenía prendado,  
todo mi amor le di, rendido, entusiasmado, 7  
ella hablaba y reía conmigo, de buen grado;  
otra cosa jamás conseguir me fue dado. (p.6)

Nesse fragmento o desejo aparece personificado na imagem da dama, a influência do Outro como algo intenso e consumidor. Um amor que está vinculado à falta, já que a aproximação sexual nunca se realiza. No entanto, na mesma proporção que o objeto de desejo surge a partir da contemplação e admiração, há uma certa inquietude na idealização do amor romântico e na submissão que muitas vezes acompanha essa paixão. A dama que lhe leva muitos risos representa um ideal inatingível, sugerindo que o amor pode levar à desilusão e a frustração:

Yo, como estaba solo, sin tener compañía,  
codiciaba la que otro para sí mantenía: 112  
eché el ojo a una dama no santa; yo sentía

y cruciaba por ella, que de otro era baldía. (p.8).

Com um vazio angustiante e um desejo não satisfeito, as buscas do Arcipreste só enfatizam o quanto ele depende do outro para sentir-se saciado, mesmo esse outro estando comprometido com outra pessoa. A sátira nos versos aparece em uma crítica implícita à ganância e ao desejo pelo que não se pode ter, nesse caso, o anseio por uma dama que pertence a outro. Isso expressa, também, uma visão irônica sobre o amor e a posse, sugerindo que o desejo pelo proibido pode ser atraente e também conflituoso.

Por outro lado, o narrador reconhece sua própria fraqueza e vulnerabilidade ao desejar algo/alguém que não lhe pertence. Ao admitir seu desejo por uma mulher "não santa", ele ironiza a si mesmo e sua situação, demonstrando consciência da contradição do seu desejo.

Dando ênfase ao catecismo da Igreja Católica, no 9º mandamento da Lei de Deus está escrito “*Non desiderás a mulher do próximo*”, no entanto, esse desejo pela mulher alheia expressa uma cobiça carnal, um pecado, uma infração aos mandamentos bíblicos. Com isso, o Arcipreste se vê diante de problemáticas que geram tensão entre as regras religiosas e os seus impulsos pessoais.

Cruz cruzada, panadera, 116  
 quise para compañera:  
 senda creía carretera  
 como si fuera andaluz. (p.9)

Nesses versos o narrador, através de metáforas, diz que toma um caminho estreito achando que era uma *carretera* (estrada larga). Essas metáforas expressam o engano e a desilusão do poeta, que acreditava que conseguiria uma companhia de maneira simples (*através da estrada larga*), mas que, ao longo do caminho, encontra complicações quando a estrada vai estreitando-se.

Puesto que he comprobado ser mi destino tal, 154  
 es servir a las damas mi aspiración total;  
 aunque comer no pueda la pera del peral  
 el sentarse a la sombra es un placer comunal. (p.11).

Neste fragmento da obra, “*aunque comer no pueda la pera del peral*”, a ênfase está na ideia do impedimento de alcançar aquilo que deseja, pelo fato do personagem central

ser um sacerdote, o que reforça a tensão entre os prazeres terrenos e as limitações impostas pela moralidade cristã, imposição essa em que o religioso, pelas regras do celibato deve abster-se de comer o fruto que lhe leva ao pecado.

Essa dualidade entre a aspiração a servir às damas e a realidade de não poder satisfazer desejos mais imediatos, como comer o fruto proibido, cria um efeito cômico. O humor surge da contradição entre as altas expectativas de “comer” o fruto proibido e a realidade oposta que leva o religioso à frustração.

¡Ay Dios! ¡Y qué hermosa viene doña Endrina por la plaza! 653  
 Qué talle, qué donaire, qué alto cuello de garza!  
 Qué cabellos, qué boquita, qué color, qué buenandanza!  
 Con dardos de amor hiere cuando sus dos ojos alza. (p.23)

O fragmento descreve o desejo, destacando a beleza e a elegância da figura feminina, bem como a intensidade, o desejo e a fantasia que ela desperta no clérigo, reafirmando que o motor do desejo é desejar o que não se tem nem se pode alcançar. Através da imagem vívida de dona Endrina, presença física que exala poder de sedução, o poeta usa de metáforas para contemplar a graciosidade daquela que deseja ter (qué alto cuello de garza). Ao associar a figura feminina a uma garça, o poeta busca enaltecer essa mulher, o pescoço alto transparece uma postura nobre, de delicadeza.

“Con dardos de amor me hiere”, nesse contexto, os dardos de amor simbolizam a capacidade de dona Endrina de, apenas com seu olhar, ferir o coração de quem a contempla, despertando uma paixão imediata, intensa e alucinatória. Ao destacar esse lado sensual, o narrador apresenta o feminino como seu objeto de desejo erótico.

Es muy pequeño el grano de la buena pimienta,  
 pero más que la nuez reconforta y caliente: 1611  
 así, en mujer pequeña, cuando en amor consienta,  
 no hay placer en el mundo que en ella no se sienta. (p.38)

Neste jogo de metáforas que o desejo e a linguagem proporcionam, o objeto de desejo é expresso em comparação do grão de pimenta, que se refere ao tamanho da mulher pequena, já que esta torna-se a favorita do sacerdote, sugerindo que, apesar de pequena ela tem o grande poder de proporcionar prazer. Além disso, “el grano de la buena pimienta”

também evoca o calor e estímulo associados ao desejo sexual, e a nuez, no jogo dos significantes, também remete ao corpo feminino, o clitóris por exemplo, como materialização do objeto desejado, no poema. Então esse jogo de metáforas que derivam de expressões comestíveis ressalta o erotismo nos versos.

Ao utilizar dos artifícios satíricos e irônicos o narrador se vê diante das fraquezas humanas, o que lhe faz entrar em contradição sobre a maneira que vive e a moral que prega. O Arcipreste não apenas expõe as falhas e desobediências da sociedade medieval, mas também é confrontado por sua própria hipocrisia, de um sujeito afetado por contradições, revelando uma realidade ameaçadora da qual nem o próprio narrador estaria livre daquilo que critica.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para Jacques Lacan, o desejo está intrinsecamente ligado ao outro, estruturando a linguagem e o sentimento de falta, sendo esta última a que nos move em direção ao desconhecido e ao inacessível. Essa ideia de falta como característica do desejo é uma ausência que impulsiona o sujeito a buscar incessantemente um objeto inalcançável. Na obra de Juan Ruiz, essa falta torna-se o combustível predominante na busca pelo outro.

O personagem principal, o Arcipreste, é repetidamente confrontado com desejos carnisais que entram em conflito com sua posição religiosa e moral. Este conflito cria uma tensão que impulsiona grande parte da narrativa, estar nesse lugar de ser desejante permite ao sacerdote vivenciar a dualidade entre o bom amor e o louco amor.

O bom amor é aquele aceitável dentro das normas sociais medievais que ele experimenta com frequência, mas que não preenche completamente sua busca. Já o louco amor é o desejo desmedido e incontrolável que ele deseja viver de forma plena, mas que também o assusta, pois o confronta com aspectos até então desconhecidos de si mesmo. Esse conflito revela a potência do desejo que é ora atraente ora temível, mas nunca inexistente.

A obra de Juan Ruiz coloca o desejo em um lugar de notoriedade: sempre presente e ausente, desejado e temido, frustrante e alucinante, perigoso e instigante. Tais características ilustram sua configuração complexa e contraditória, o que resulta em uma busca contínua que não tem endereço fixo ou até mesmo um fim.

Ao usar uma linguagem satírica e irônica, o Arcipreste crítica nas entrelinhas dos seus versos uma igreja que prega uma falsa moral, que é corrompida por condutas que fogem dos

discursos pregados. Ao colocar um personagem clérigo que é movido pelo desejo erótico, o autor satiriza, usando do humor, o sistema clerical e suas regras, apresentando o homem sacerdotal que em discursos morais enaltece o bom amor mas que é corrompido pelo louco amor através de suas ações.

No entanto, o tom satírico também surge neste confronto pessoal em que o protagonista ironiza seus próprios sentimentos e emoções. Nos versos essa ironia pode sugerir um mecanismo de defesa que tem por finalidade transformar a dor da falta em algo menos difícil de lidar. Criticar os próprios sentimentos ou burlar-se deles torna-se mais fácil porque cria uma falsa ilusão de domínio, mas, por outro lado, pode revelar uma verdade que se reprova por deixar-se levar pelos instintos .

Assim, o teor satírico na obra é determinante, pois convida o leitor a perceber como a busca por poder e satisfação pessoal pode corromper valores que deveriam ser sagrados, bem como questionar e desafiar as regras e condutas de instituições e sacerdotes constitutivamente contraditórios.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Antunes, M. C.C. **O sujeito na Teoria do Significante**. UFRJ/PPGTP/RJ/2002.

Cavillón, R. **Amor y literatura en la España medieval: Una revisión del “Libro de Buen Amor”**. 2020.

Cejador, J. **Arcipreste de Hita: Libro de Buen Amor**. Madrid. Espasa- Calpe. 1967.

Chemama, R. **Dicionário de Psicanálise**, Trad. Francisco Franke Settineri: Porto Alegre: Artes Médicas Sul. 1995.

Freud, S. **Obras completas de Sigmund Freud**. Buenos Aires. 2016.

Freud, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Tradução: Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago. 1996 (Trabalho original publicado em 1905).

Fuks, R. **Jacques Lacan, Psicanalista francês**. Ebiografia. 2020. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/jacques\\_lacan/](https://www.ebiografia.com/jacques_lacan/) Acesso: 15 fev. 2025.

Garcia- Roza, L.A. **Freud e o Inconsciente**. 24.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2009.

Gómez Redondo, F. **Historia de la prosa medieval castellana: Los orígenes del humanismo**. 2010.

Gomes, J. **O Retorno a Freud proposto por Jacques Lacan**. São Paulo. 2021. disponível em: <https://sobrap.com.br/assets/img/bucket/ad34f61ca2544d1b0debd8e9271a63c.pdf> Acesso: 08/01/2025.

- Hita, A. de. **Libro de Buen Amor**. Versión de María Brey Mariño. 5.ed. Madrid. 1966.
- Imperiale, L. **Literatura medieval e clássica: peligrosísimas situaciones cómicas creer o no creer sigue siendo la cuestión**.2013. Disponível em:  
<https://www.calameo.com/read/001827977423ad3a47b61>. Acesso: 10 jun.2025.
- Lacan, J. **O seminário 6: O desejo e sua interpretação**. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar.2016.
- Lacan, J. **O desejo e sua interpretação**.Porto Alegre. 2002. (Trabalho original publicado em 1958/1959).
- Lacan,J. **O seminário 14: A lógica da fantasia (Fantasme)**. Recife.2008. (Trabalho original de 1966/1967).
- Lacarra,M. J. D. **“Libro de Buen Amor”**: O ensino da fé cristã na península Ibérica (séculos XIV,XV, XVI).2019.
- López, R. **Deseo y crítica social en el Libro de Buen Amor**. Literatura española antigua.2017.
- Martinez, J. **El motor narrativo del deseo en el Libro de Buen Amor**. Narrativa española medieval. 2019.
- Mesalles,P.**Lengua y Literatura Castellana**.2012.Disponível em:  
<https://castellanopol.blogspot.com/2012/11/comparacion-celestina-vs-trotaconventos.html>  
 acesso:08 jan.2025.
- Miller,A.J. **O desejo de Lacan**. ed:Biblioteca do Campo Freudiano da Bahia. Salvador.1995.
- Murillo. J.C. **El mester de Clerecía y la literatura didáctica**. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes.2011.Disponível:[https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/el-mester-de-clerecia-y-la-literatura-didactica/html/dcd0d5a4-2dc6-11e2-b417-000475f5bda5\\_9.html](https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/el-mester-de-clerecia-y-la-literatura-didactica/html/dcd0d5a4-2dc6-11e2-b417-000475f5bda5_9.html).Acesso: 06 jan.2025.
- Priego, M. Á. P. (n.d.). **Biografía y obra del Arcipreste de Hita**. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. Disponível em:[https://www.cervantesvirtual.com/portales/arcipreste\\_de\\_hita/autor\\_biografia/](https://www.cervantesvirtual.com/portales/arcipreste_de_hita/autor_biografia/) Acesso: 15 fev.2025.
- Quinet, A. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro.ed: Zahar. 2012.